



BRUNHARA, Rafael. Apresentação. Epopeia na modernidade lusófona. In: *Revista Épicas*. Ano 4, N. 8, Dez 2020, p. 4-7. ISSN 2527-080-X. <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2020v8>.

EPOPEIA NA MODERNIDADE LUSÓFONA

Rafael Brunhara (UFRGS)¹

Este volume de *Épicas* busca abraçar o múltiplo e mutável contexto da poesia épica a partir da modernidade. Tal modernidade, inaugurada no século XIX com o advento do Romantismo, põe em xeque o agenciamento do discurso literário em gêneros poéticos e faz com que a epopeia comece a ocupar uma ambígua posição, buscando acomodar-se, com sua canonicidade, ao paradigma estético do Romantismo, avesso às convenções que sopravam vida às antigas teorias de gênero. Tal perspectiva operará uma transformação radical na apreciação da epopeia. Antes considerada superior dentro da hierarquia dos gêneros clássicos, ela gradativamente perderá o seu prestígio ao longo do XIX, adentrando o século XX, segundo uma corrente de estudiosos de inflexão hegeliana, como incapaz de cumprir aquilo que seria a sua prerrogativa: abarcar a realidade de modo totalizante. Seu substituto seria o romance, na célebre

¹ Professor adjunto de língua e literatura grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

definição de Hegel “a moderna epopeia burguesa” (2004), uma forma mais adequada para retratar os valores e práticas do mundo moderno.

Entretanto, uma nova direção nos estudos da poesia épica², têm revelado quão complexo, dinâmico e multiforme é o gênero e as suas potencialidades, mostrando um redimensionamento que se inicia já no século XIX e persiste até os dias atuais – muitas vezes, porém, insuspeito por causa de interpretações hegelianas ainda predominantes – por meio de narrativas longas que incorporam elementos épicos ou pela renovação das próprias estruturas formais que caracterizaram a epopeia. Nesse sentido, os artigos aqui coligidos são um convite a pensar a permanência do gênero épico nas literaturas de língua portuguesa desde o século XIX até os dias atuais.

Cabe dizer que este volume nasce do projeto “Discursos da épica nas culturas lusófonas do século XIX”, desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Ruhr-Universität Bochum³, financiado pelo PROBRAL – programa apoiado pela CAPES/Brasil e DAAD/Alemanha. Indicativo disso é a primeira seção, o Dossiê “Modernidades Lusófonas”, que traz cinco textos originalmente apresentados na Universidade de Augsburg em setembro de 2019 durante o 13º Congresso Alemão de Lusitanistas na seção organizada pelo referido grupo de pesquisadores, “*Epopeia, narrativa e modernidade. Espaços, limites e transgressões de um gênero clássico em renovação*”.

São os seguintes: “Forja épica e sentido trágico em *Grande sertão: veredas*”, de Danielle Corpas (UFRJ), que analisa os elementos trágicos dentro da tessitura épica desse romance; “Sílvio Romero e a poesia épica”, de Bárbara Sager Zeni (UFRGS/CAPES/DAAD), que reúne as diversas reflexões de Romero sobre a epopeia em vista de delinear o quadro epistemológico de onde parte o crítico; “A comemoração do terceiro centenário de Camões na revista *A Estação*”, de Bruna Nunes (UFRGS/CAPES/DAAD), que apresenta o volume comemorativo dessa revista sobre Camões e em que medida o escopo da revista – voltada supostamente ao público feminino – se adequa para celebrar a efeméride do poeta épico português. “Maria Valéria Rezende e o seu vasto mundo: uma transfiguração do épico”, de Maria Aparecida

² Entre outros estudiosos, podemos destacar os estudos de Ramalho e Vasconcelos (2007) e Neiva (2008; 2009) e as pesquisas desempenhadas pelo CIMEEP – Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos.

³ O projeto é atualmente coordenado pelos professores Regina Zilberman (UFRGS) e Roger Friedlein (Bochum).

Ribeiro (Coimbra), que analisa a obra *Vasto mundo* e busca vê-la como um livro que reconfigura traços de uma tradição épica brasileira. Por fim, numa semelhante direção vai o artigo de Teresa Bagão (AEE/Escola secundária de Estarreja), “Para manter as coisas inteiras: viagens no futuro em *A vida no céu*, de José Eduardo Agualusa”, que observa as continuidades épicas no romance do escritor angolano contemporâneo.

Seguem trabalhando o épico na modernidade outros dois artigos: Vinícius Ferreira Barth (UFPR) em “A contemplação nas sombras: *O Guesa* de Sousândrade e a meia noite as margens do Solimões” analisa o trecho do Canto I d’ *O Guesa* que antecipa o episódio da descida aos infernos no Canto II, verificando as influências formais e temáticas que moldam e reconfiguram este lugar-comum da epopeia na obra do poeta maranhense; Ellen dos Santos Oliveira (UFS/CAPES), em “Aspectos épicos em *Os gatos* e *O remédio*, de Fernandes Barbosa” estuda, nestes livros de poesia satírica da primeira metade do século XX, a presença de características que poderiam apontar para uma acomodação do épico na contemporaneidade.

Na Seção Livre – voltada para temáticas diversas -- Amós Coêlho da Silva (UERJ) oferece reflexões sobre os epítetos na epopeia clássica no artigo “Acheegas sobre o simbolismo do epíteto”; Bárbara Ribeiro Tofoli e Leni Ribeiro Leite, ambas da Universidade Federal do Espírito Santo, investigam no artigo “A recepção da *Ekphrasis* no poema *Prosopopeia*, de Bento Teixeira” a permanência, no poema, deste tropo característico tanto da epopeia como do discurso retórico. O artigo de Antônio Trindade dos Santos (UFS), “Do épico ao lírico: a mulher selvagem na epopeia *Argonáutica* e no *Romanceiro sergipano*” compara as figuras da Medeia de Apolônio de Rodes com Juliana, do romance tradicional ibérico homônimo, tal como coligido pelo folclorista Jackson da Silva no *Romanceiro sergipano*. Victor Hugo Sampaio (UFPB) contextualiza a epopeia do povo finlandês, demarcando seus elementos genéricos, em “A *Kalevala* finlandesa: contexto histórico, seu processo de coleta e escrita, questões de gênero e possíveis motivos mitológicos”. Fechando a seção, Fabio Mario da Silva (UFSSP), em “Notas de investigação sobre as duas primeiras edições do *Memorial da infância de Cristo e Triunfo do divino amor*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel”, traz notícia importante sobre descoberta recente envolvendo as edições da obra épica de Pimentel.

Concluem esta edição de *Épicas* as seções “*Project Epopée*”, “Relatos de Pesquisa” e “Resenhas”. Na primeira, o texto “O estado da arte da crítica anglo-saxã

sobre o gênero literário épico”, de Marguerite Mouton, professora agregada ao ESPE de Beauvais e membro do Centre d’Études des Relations et Contacts Linguistiques et Littéraires da Universidade de Amiens, é traduzido por Antônio Batalha (UFS). Alexandra Bispo (UFS) apresenta o relatório de pesquisa intitulado “A resistência do autoritarismo na épica de Leda Miranda Hühne”, mostrando a presença dessa temática em sua obra a partir de considerações teóricas diversas. Por fim, Paulo Geovane e Silva (Universidade de Coimbra) resenha a segunda edição modernizada de *Memorial da infância de Cristo e triunfo do divino amor*, de Soror Pimentel; e Christina Ramalho apresenta duas obras: *Eneas. La trayectoria transatlántica de un mito fundacional*, que reúne capítulos de diversos autores, e *Temps, mémoire, narration (Discours de l’épopée médiévale 2)*, de Jean-Pierre Martin.

Cabe, antes de encerrar, nosso agradecimento a todos os autores que contribuíram com o volume e, sobretudo, a Profa. Christina Bielinski Ramalho, editora da *Épicas* e coordenadora-adjunta do CIMEEP, que prontamente acolheu nossa proposta de um volume dedicado aos discursos da épica lusófona na modernidade.

Referências

HEGEL, Georg W. Friederich. **Curso de Estética**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2004. vol.4.

NEIVA, Saulo (org.). **Désirs & débris d'épopée au XXe siècle**. Berna: Peter Lang, 2009.

NEIVA, Saulo (org.). **Déclin & confins de l'épopée au XIXe siècle**. Tübingen: Gunter Narr, 2008.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da Epopeia Brasileira**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.